

SALDANHA, Fernando António de Almeida e Silva

(D. Fernando de Almeida)

Fundão, 1903 - Lisboa, 1979

Médico, arqueólogo, museólogo e professor universitário, Fernando António de Almeida e Silva Saldanha, filho de Fernando de Almeida e Silva, médico, e de Maria do Carmo Figueiredo Falcão de Almeida, nasce no concelho de Fundão a 28 de novembro de 1903, no seio de família nobilitada.

Licenciando-se, em 1927, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), com média final de 16 valores, Fernando de Almeida é convidado, em 1929, para Assistente da mesma Faculdade (Cardoso, 2005). Não obstante, após exercer medicina hospitalar e lecionar anatomia (1929-1937) e cirurgia na FMUL, Fernando de Almeida abandona a investigação médica. Três anos depois e já com 50 anos de idade, inscreve-se no curso de História da Universidade de Lisboa. As razões serão várias, embora o fascínio pela História possa ter-lhe surgido quando decide acompanhar os estudos de sua filha na Faculdade de Letras de Lisboa (FLUL). Conclui a nova licenciatura em 1954 com média de 15 valores e a apresentação da tese *Egitânia: História e Arqueologia*, trabalho que é publicado em 1956 pela FLUL e se revela determinante no seu percurso arqueológico (Profano, 2017).

De trato afável e empenhado em apoiar o entusiasmo e empenho de jovens estudantes, Fernando de Almeida colhe simpatias junto de colegas e alunos, mormente da FLUL, onde exerce docência, ascende a catedrático (1968) e é nomeado diretor. Entretanto, a cátedra implica a tomada



FIG. 1 Fernando António de Almeida e Silva Saldanha. Proveniência: Universidade de Lisboa. Disponível em: http://memoria.ul.pt/index.php/Saldanha,_Fernando_Ant%C3%B3nio_de_Almeida_e_Silva

de posse do cargo de diretor do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, atual Museu Nacional de Arqueologia (MNA), o que acontece a 12 de dezembro de 1966 e termina a 28 de novembro de 1973, data da sua jubilação.

Como diretor do MNA, Fernando de Almeida promove o estudo de coleções deixadas por estudar pelos antecessores, [José Leite de Vasconcelos](#) (1858-1941) e [Manuel Heleno](#) (1894-1970). Concomitantemente, reorganiza a biblioteca e determina a regularidade da publicação de *O Arqueólogo Português* (OAP), iniciando a sua 3.ª série e dando à estampa seis volumes, saídos entre 1967 e 1972. Ademais, o OAP passa a dispor de um conselho editorial mais exigente, da colaboração assídua de especialistas estrangeiros e de resumos dos artigos noutros idiomas que não o português, para uma divulgação mais ampla da arqueologia praticada em Portugal (Raposo, 2003).

Entre outros aspetos, a renovação do MNA contempla também a instalação de estruturas laboratoriais, iniciada em 1969 e com o apoio do Museu Monográfico de Conimbriga, numa defesa da interdisciplinaridade e profissionalismo

que procura implementar em arqueologia. Cria, de igual modo, um serviço educativo com edição de guias, requalifica as instalações, moderniza a exposição permanente, redefine o programa de atividades, revê o quadro de pessoal, nomeando um conjunto de conservadores-adjuntos, tenciona ativar um Centro de Estudos Arqueológicos do Instituto de Alta Cultura com bolseiros e colaboradores, patrocina trabalhos de campo e transfere materiais para os seus sítios e regiões de origem (Raposo, 2003). Uma procura de modernidade museológica e museográfica que suscita, certamente, a viagem que realiza entre maio e junho de 1973 a museus de Berlim, Munique, Colónia e Londres, na sequência da qual redige “Apontamentos para uma base sobre a qual deverá ser elaborado o anteprojeto da planta do futuro Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia”, onde diferencia “Museu Nacional de Arqueologia” de “Museu Didático de Arqueologia”.

Fernando de Almeida incentiva jovens estudantes nos quais vislumbra interesse e competência para seguir o caminho da investigação. Por isso, também, facilita o acesso de alunos da FLUL a coleções do MNA e cede sala no MNA ao Grupo para o Estudo do Paleolítico Português. A agilização e criação de condições de investigação aos jovens estudiosos não se restringe ao MNA, estendendo-se aos Museus Francisco Tavares Proença Júnior (MFTPJ), em Castelo Branco, e de Idanha-a-Velha, que dirige em paralelo.

Mesmo que de modo oficioso, as escavações que conduz, enquanto recém-licenciado, na Egíptia (atual Idanha-a-Velha), a partir de 1955, com o apoio financeiro do “Centro de Etnologia Peninsular de Mendes Corrêa” e da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), configuram uma verdadeira escola prática de arqueologia, designadamente de arqueologia urbana, ainda novel no país.

No Museu de São Miguel de Odrinhas (Sintra), pensado e dirigido de início pelo médico, professor universitário e pré-historiador Joaquim

Moreira Fonte (1892-1960), Fernando de Almeida dirige campanhas arqueológicas ainda na segunda metade dos anos 1950 (Martins, 2005). Realiza também escavações nas ruínas da cidade romana de Miróbriga (Santiago do Cacém), entre finais da década de 1950 e inícios dos anos 1960, em cujo âmbito são instituídos os Campos Internacionais de Trabalho de Santiago do Cacém, intervindo, ainda que esporadicamente, no teatro romano de Lisboa e nas ruínas da *villa* romana de Torre de Palma (Profano, 2017).

Em 1962, Fernando de Almeida apresenta à UL a tese de doutoramento *Arte Visigótica em Portugal*, galardoada com o “Prémio da Fundação Calouste Gulbenkian de Arqueologia” (Fernandes, 2003). O *términus*, porém, do seu percurso arqueológico decorre nas ruínas romanas de Tróia, onde realiza extensas escavações entre os anos 1960 e 1970, sempre com a presença e colaboração de alunos seus da FLUL (Cardoso, 2005).

A objetividade que o caracteriza, possivelmente timbrada pela sua formação médica, leva-o a abraçar, uma vez mais, com entusiasmo, um novo projeto essencial ao desenvolvimento da ciência arqueológica no país. Referimo-nos à *Carta Arqueológica de Portugal*, elaborada sob sua orientação, a pedido da Direção-Geral do Planeamento Urbanístico e financiamento da FCG. Entretanto, é nomeado vogal da 1.ª subsecção da 2.ª seção da Junta Nacional de Educação e chamado a lecionar vários cursos de introdução à arqueologia (CIA), tanto em Portugal, como no Brasil, em Angola e Moçambique.

O reconhecimento público da sua vida e obra traduz-se em diferentes momentos e atividades. Desde logo, com a sua eleição, em 1958, como académico correspondente da Academia Portuguesa da História (APH), no ano em que é nomeado secretário-geral do primeiro Congresso Nacional de Arqueologia organizado na FLUL. A 11 de maio de 1967, é designado *socium ordinarium* do *Deutsche Archäologische Institut*. Em 1971,

passa a académico de número da AHP. Desempenha, ainda, a vice-presidência da APH, a partir de 17 de fevereiro de 1978, e assume a presidência da AAP durante 16 anos consecutivos, após secretariar a Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (Martins, 2005).

Fernando de Almeida falece em Lisboa a 29 de janeiro de 1979 e é trasladado para o cemitério de Alcaide, no concelho de Fundão, a 9 de junho do mesmo ano. Logo em fevereiro deste ano, a AAP homenageia-o. Em 1985, é criada a Biblioteca D. Fernando de Almeida no MFTPJ na sequência da doação do espólio bibliográfico deste seu ex-diretor. Em 2003, a Câmara Municipal do Fundão organiza um conjunto de iniciativas, incluindo a inauguração, na cidade, da Rua D. Fernando de Almeida, bem como um ciclo de conferências, a 28 de novembro, que tem lugar no salão nobre dos Paços do Concelho, com a participação de antigos alunos, colegas e outros académicos portugueses e espanhóis.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, João Luís. 2005. "D. Fernando de Almeida: breve evocação no centenário do seu nascimento". *Eburobriga*, 3: 22-27
- FERNANDES, Paulo Almeida. 2003. "O contributo de D. Fernando de Almeida para o estudo da Alta Idade Média em Portugal". *Arqueologia e História*, 55: 205-213
- MARTINS, Ana Cristina. 2005. *Na senda da salvaguarda patrimonial. 100 anos de (trans)formação. 1863-1963*. 2 vols. Tese de Doutoramento em História. Universidade de Lisboa
- RAPOSO, Luís. 2003. "A acção de D. Fernando de Almeida na direcção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia". *O Arqueólogo Português*, 21: 13-64
- PROFANO, João. 2017. "Biografia de D. Fernando de Almeida". RAMOS, Isabel M. Sánchez; PABLOS, Jorge Morín de (eds.), *Arqueología no Invasiva. PROYECTO IDA-VE. EGITANIA. Idanha-a-Velha. Portugal*: 31-39

[A.C.M.]

ANA CRISTINA MARTINS Investigadora contratada do IHC-FCSH, Nova - Pólo da Univ. Évora, onde desenvolve e integra projectos nacionais e internacionais de história da arqueologia nos séculos XIX e XX, centrados no estudo de personalidades, instituições e invisibilidades, mormente femininas. Docente de unidades curriculares (História da Arqueologia em Portugal, Introdução e Valorização do Património Cultural). É investigadora colaboradora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, onde se doutorou em História da Arte, obteve o mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, e se licenciou em História, variante de Arqueologia. Preside à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa e à Academia Portuguesa de Ex-Libris, e vice-preside à Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Membro (2020-2023) do Board do Grupo de Trabalho *Archaeology and Gender in Europe*, da *European Association of Archaeologists*, e do Grupo de Trabalho *History of Archaeology*, da *Union International des Sciences Pré et Protohistoriques*.